

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COMO METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO GEOGRAFICA

Oliveira, Livia e Machado, Lucy
(Departamento de Geografia, UNESP, Rio Claro, SP. Brasil
wanderley, Vernaido e Meneses, Eugénia)
(Fundação Joaquim Tabuco, Recife, PE, Brasil)

As interações entre o homem e o meio ambiente são permanentes intensas e íntimas, qualquer que seja o nível de desenvolvimento que uma sociedade. Do meio ambiente o homem para os recursos indispensáveis a sua sobrevivência e atua sobre criando e recriando suas paisagens. No entanto, quando se trata de ser humano, há algo mais que ir e vir respirar e cultivar e solo, comer frutos e talhar pedras: e também sonhar é projetar possíveis transformações nesse meio ambiente e realizar, criativamente, algumas ideias para viver, como indivíduo e como comunidade, em sua paisagem assim criada espécie.

O relacionamento físico- biológico- psicológico com o meio ambiente passa a ser completado pelo relacionamento cultural. Surge, então, o problema de como isso deve ser feito, pelo relacionamento mais sério com o meio ambiente com o que se altera. É crucial e tanto a filosofia a ser adotada como as metas políticas a serem alcançadas.

Nas interações entre o homem e a paisagem há uma contínua permuta e influência mútua entre o mundo exterior e o mundo interior. Assim, os mundos interior e exterior estão sempre interligados no funcionamento de um organismo humano e interagem e evoluem juntos, e as trocas funcionam entre o indivíduo e o meio exterior comportam dois aspectos interdependentes: o cognitivo e o afetivo. A vida cognitiva e vida afetiva são inerentes, apesar de distintas. Não podem ser separadas porque toda troca com o exterior supõe ao mesmo tempo uma estruturação e uma valorização, não podendo uma reduzir-se a outra.

O mundo da ciência e dos valores são diferentes mas a busca de resolução dos problemas humanos requer tanto julgamento de valores, apreciação estética como conhecimentos científicos e técnicos. Os estudos voltados para os processos interativos entre o homem e a paisagem devem ser sempre acompanhados por julgamentos de valores humanos, principalmente no que diz respeito aos efeitos das escolhas e ações na qualidade de uso das diferentes paisagens. A grande meta é a de criar, com conhecimento e responsabilidade, novas paisagens ecologicamente saudáveis, esteticamente satisfatoriamente satisfatórias, economicamente recompensadoras e favoráveis para o alcance de uma contínua qualidade de vida.

Os problemas humanos mais importantes emergem de fenômenos que não podem mais ser estudados por um enfoque científico tradicional, já que resultam de uma atividade perceptiva das pessoas em relação às condições ambientais criadas por e para elas. Isso está a exigir dos estudiosos uma posição que possa fundir a objetividade do cientista e a preocupação do humanista, simplesmente por que a paisagem não é apenas o resultado de elementos geográficos agrupados nem a soma de suas inúmeras partes, exatamente porque a maneira como as várias partes estão integradas no todo é muito mais importante do que as próprias partes. Essa nova estrutura holísticas e intrinsecamente dinâmica da paisagem recia do pesquisador outros procedimentos de estudo e de análise.

Mas a paisagem não é apenas essa tão importante estrutura holísticas que a embasa e lhe dá forma e fisionomia. Ela é, também, cenário de um mundo vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem, sentem, gostam e desgostam; enfim, passam ali toda a sua vida. Como consequência, as paisagens se tornam, fundamentalmente um problema humano. Essa estranha e inesperada realidade pulveriza os alicerces da tradicional visão da paisagem o força a que se pense de um modo inteiramente novo: ela é, a um só tempo, um meio, um ambiente, um sistema de relações e um espaço vivido. O problema não é apenas intelectual, mas envolve uma intensa experiência humana com os lugares e suas paisagens, a través de profundos vínculos cognitivos e afetivos, que ainda não foram devidamente identificados e estudados.

Apesar deste gama tão variada de relações, a paisagem foi, está sendo e será redesenhada continuamente porque o elemento essencial à sua significação é próprio homem e, diante dele, a paisagem está sempre apta a ser recriada. Contudo, os significados da paisagem não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos. Como ocorre isso? E como pode ser estudado? Sabemos que nosso laço afetivo para com as paisagens ocorre a través da valorização de alguns de seus elementos, o que, por sua vez, envolve a individualidade da pessoas, os seus propósitos, necessidades e aspirações, tudo isso emoldurado pelas forças culturais que atuam em determinada época e local. A questão básica que se coloca não é mais a de que se devem ou não recriar as paisagens, mas de que maneira isso pode ser alcançado com responsabilidade e com base na percepção e na experiência dos usuários.

Contudo, ao lado dessa abordagem global e integradora e que estuda a paisagem como um sistema aberto, ela vem sendo enfocada também como fenômeno experienciado, a través de uma nova abordagem, a humanística, tendência moderna que procura valorizar a experiência do indivíduo e do grupo, objetivando compreender a

percepção, a conduta e o sentimento das pessoas em relação ao meio ambiente, aos lugares e às paisagens.

Nos estudos geográficos abordados do ponto de vista da percepção ambiental estão incluídos temas relevantes como riscos e impactos ambientais, valorização de paisagens e de lugares, gestão e manejo do meio ambiente, parques nacionais, preferências geográficas, mapas mentais, percepção das pragas e dos praguicidas na agricultura e de qualidade ambiental. Dentre eles, o estudo da percepção de paisagens e de lugares tem assumido cada vez mais papel de destaque, uma vez que expressa a preferência, o gosto e as ligações afetivas dos seres humanos e de suas comunidades para com os lugares, as paisagens e como o próprio meio ambiente. A grande meta desses estudos é a aplicação de seus resultados para compreender a conduta dos habitantes, salientando os significados compartilhados por eles na elaboração de projetos que visem a conservar ou a remendar o meio ambiente circundante. Para tanto, tais estudos buscam indicadores válidos sobre as necessidades, os anseios e as expectativas das comunidades que possibilitem órgãos dirigentes orientações mais adequadas para as decisões políticas, sócio-econômicas e de desenvolvimentos urbano e regional, das quais a dimensão ambiental é intrínsecas e deve ser encarada com a mesma importância das demais dimensões.

Todavia, ao lado das investigações sobre a identificação e caracterização dos laços afetivos entre o homem e a paisagem, outro aspecto vem merecendo a atenção de estudos preocupados com a seguinte questão: O que e em que medida afeta a experiência com a paisagem? Por tanto, as pesquisas buscam respostas não apenas para o medir, mas e basicamente a través de quais critérios isso pode ser feito. Vários autores já analisaram esse problema listaram alguns critérios, entre os quais se destacam Baillo, Collot e Fines.

Os esquemas lógicos, pré-estabelecidos pela cultura e educação. Constituem critério perceptivo básico, mas têm sido esquecidos na maioria dos estudos com bases perceptivas. Eles modificam a percepção porque as pessoas encontraram ou não, na complexidade dos elementos da paisagem urbana ou rural, o funcionamento lógico que esperam, criando um esboço global da mesma forma que um pintor ao criar uma tela.

Mas são as referências (Físicas, culturais ou psíquicas) que permitem ao sujeito situar-se e orientar-se na paisagem. Para melhor perceberem e para sentirem a paisagem como algo familiar, as pessoas necessitam assimilar pontos de referência. Sejam eles geográficos (montanhas, Lagos, riachos, árvores) ou simbólicos (prédios, praças, pontes, barragens, rodovias).

As crescentes publicações, dos mais variados autores que vêm trabalhando em valorização de paisagens, têm mostrando em que

medida, por quais caminhos e em quais direções e abordagem perceptiva na geografia prolonga a sensibilidade e a reflexão do pesquisador, exigindo dele novas técnicas e procedimentos de pesquisa, que lhe permitiram trabalhar com a interação entre o homem e a paisagem, o que na prática contemporânea tem sido pouco considerado.

Entretanto, não se separa a experiência humana das paisagens, e, em vista disso, o estudo da interação entre o homem e a paisagem se destaca por abordar os aspectos mais íntimos dessa interação, dentre os quais salientamos o de como ele a percebe e a valorizar e quais são as suas atitudes para com ele, de como ele a identifica culturalmente.

O Brasil sertanejo está a merecer um estudo de paisagem em bases perceptivas a través da busca de sua identidade cultural mediante alguns de seus mais ilustres literatos.

Ejemplo: Identidade cultural do Brasil Sertanejo

O conceito da identidade supõe social a través das quais é determinado o fenômeno, e regras que orientam o desenvolvimento dessas relações. Segundo Berger e Luckmann, “a identidade é um fenômeno que emerge da dialéctica entre indivíduo e sociedade”. Conferir identidade a grupos requer a eleição da aspectos que evidenciem individualidade e destaque em relação a outros grupos. Consiste em ressaltar suas características. A identidade emerge como o resultado de um confronto com outras identidades, todas elas construídas por um conjunto de normas, de categorias explicativas que compõem uma ideologia de relações intergrupais.

O conceito de identidade possui um conteúdo coletivo, permeado pela comunicação, que já é, em si, formada por processos sociais e é regulada ou mesmo revista pelas relações sociais, formando um sistema de representação de conteúdo ideológico. Como representação coletiva, as ideologias ou as identidades só são decodificáveis se o referencial de origem –o sistema social onde foram geradas- for identificado.

Considerando que nosso objeto é a identidade cultural, considerada a cultura como um processo de ideação coletiva cuja cerne são as representações, essa identidade estará configurada por um conjunto de representações de “ethos”, do padrão de valores do serrato brasileiro.

No enfoque deste estudo, não será feita uma abordagem direta dos processos e relações sociais do sertão brasileiro, mas da visão de três escritores sobre ele, captada a través de quatro grandes categorias: a Natureza, para identificar fisicamente o Brasil Sertanejo, e três outras que nortearão a abordagem do universo

cultural: a Família, como grupo social básico; o Poder, pelo que representa nas relações sociais; e a Religião/Sobrenatural, configurando, a dimensão transcendental.

Procuraremos explicitar como os autores escolhidos representam o homem em relação com a natureza que o cerca, suas práticas, suas crenças, seus valores. Existe a consciência do risco de se encontrar identidades, segundo a visão do mundo de cada autor. Se, dessas identidades, resultarão superposições, parece ser a questão fundamental. O sertão deve ser encarado, neste trabalho, como um cenário onde cada autor, tomando-o como mote (o tal vez mito), expressa as vidas que nele habitam. Gauss e Salir, partindo de experiências lingüísticas diversas, concluem que a dimensão inconsciente é o objetivo último da investigação do real, e essa dimensão é captável pela análise lingüística. Vehiculadas pela linguagem, que é um momento de percepção, as ideais dos autores representam um momento de percepção, as edemas dos autores representam um sertão: Brasileiro? Particular? Particular, desde que, para eles, o sertão seja um lugar.

Escolha dos Autores e Obras

A escolha intencional dos autores, em cujas obras serão procurados elementos para definir a identidade cultural sertaneja, recaiu sobre Euclides de Cunha, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna. Pelo reconhecido valor literário dos três autores, eles representam, cada um seu modo, na dedicatória de seu ensaio fitográfico Sertões, Luz & Trevas: “Euclides, Guimarães, Suassuna –triângulo literário, místico, telúrico, mítico e sertanejo”. Pode-se acrescentar, ainda, o fato de terem escrito sobre espaços sertanejos diferenciados que se completam permitindo que o sertão seja analisado em seus diferentes matizes.

De Euclides, o jornalista carioca, a visão ensaística de “Os sertões”, única de não- ficção entre as três obras, tendo como foco de análise os trechos A Terra, O Homem e A Nova Fase de Luta. De Guimarães, mineiro neologista, o conto Campo Geral do Livro “Manuelzão e Miguillin”. De Ariano, o criador de cabras paraibano, professor universitário em Pernambuco, a visão épica e mítica, do livro “História D’O Rei Degolado nas Catingas do Sertão, ao Sol da Onça Caetana”.

Definição das Categorias

Natureza- serão considerados os trechos onde houver referência aos elementos: água (rios, açudes, cacimbas, chuva, mar, etc.), terra (solo), fogo (sol, calor, chama, etc.) e ar (redemoinho, ventania, pancada de vento, vento encanado, etc.). E ainda referência á flora e fauna. Os elementos poderão aparecer agrupados ou isolados.

Poder- serão considerados os trechos onde houver referência à superioridade pessoal ou grupal, baseada na força, tradição, prestígio, autoridade ou riqueza.

Família- serão considerados os trechos onde houver referência à família – serão enquanto instituição, caracterizada por pai, mãe, filhos, aparentes e agregados. Dignos de enfoque serão as reações afetivas ou de compadrio, onde os membros guardam uma rigorosa fidelidade à amizade recíproca.

Sobrenatural/Religião- serão considerados os trechos onde houver uma referência considerada os trechos onde houver uma referência à instituição social criada em torno da idéia de um ou de vários seres sobrenaturais e sua relação como os seres humanos.

Leitura preliminar das obras: anotações sobre as categorias

A proposta metodológica que norteou inicialmente o trabalho conduziu a uma leitura das obras tentando localizar as categorias preestabelecidas que, em seu contido buscam caracterizar a identidade cultural, tendo a natureza como cenário.

Dessa leitura exploraria pôde-se registrar, por autor, observações que serão testadas posteriormente, quando as obras forem retomadas sob a ótica da teoria da Percepção do Meio Ambiente e dos pressupostos da Semântica Discursiva, usando-se, para a identidade, o esquema desenvolvido por Oliveira em seu estudo “Identidade, Etnia e Estrutura Social”.

Em Ariano Suassuna

Natureza- Elementos descritivos vão além da mera ambiência do romance-. Natureza grandiosa, ligada ao sobrenatural. Domínio dos deuses.

Poder- político. Institucionalizado, proveniente de poder familiar. Ênfase na classe dominante.

Família- grupal. O litígio entre grupos, em busca de poder, define a coesão familiar, o poder patriarcal. Sobrenomes identificando facções. Instrumento de luta, de ascensão. Sobrenatural/Religião- forte simbolismo. Incorporação de sobrenatural ao cotidiano. Forma livre, espontânea, descontraída.

Sobrenatural/Religião- forte simbolismo. Incorporação do sobrenatural ao cotidiano. Forma livre, espontânea, descontraída.

Em Euclides da Cunha

Natureza- determinismo do meio. “Viver é adaptar-se”.

Poder- poder do meio (determinismo geográfico). Perspectiva de poder a través de relações de trabalho.

Família- descrição da família patriarcal. Influências familiares condicionando a personalidade. Fator genético.

Sobrenatural/Religião- abordagem objetiva das credences populares e superstições.

Em Guimarães Rosa

Natureza- relação nomológica. Integração, extensão, irmandade. Proximidade, zelo. Natureza ligada ao cotidiano, ao homem.

Poder- visão da classe dominada. Não institucionalizado, ligado ao carisma. Não é poder perseguido, buscado, é poder natural. Acomodação a um jogo social marcado. Não há mobilidade social.

Família- nuclear, expressão do dominado, conformista, fatalista. Características individuais ressaltadas.

Sobrenatural/Religião- mais organizada, formal. Conotação de temor, relação com o conformismo familiar. Presença da Beata, rituais dentro dos cânones.

BIBLIOGRAFIA

Collot, Michel. "Points de Vue sur la Perception des Paysages". Espace Géographiques N° 3, 1987, pp. 159-162.

Cunha, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1954.

Fines, K. D. "Landscape Evaluation: a Research Project in East Sussex" Regional Studies, volume 2, 1968, pp. 41-45.

Frémant, Armand. A Região Espaço Vivido. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

Oliveira, Livia. "Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica" Geografia. Rio Claro: 2(3): 61-72, abril, 1972.

Oliveira, Roberto Cardoso. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira, 1976.

Orlandi, Eni Pulcineli. A linguagem e seu Funcionamento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Rosa, João Guimarães. "Campo Geral". In: Manuelazão e Miquilim, 9ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 11-142.

Suassuna, Ariano. Historia D'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão ao Sol da Onça Caetana. Rio de Janeiro: Livraria Jose Olimpo, 1977.

Suassuna, Livia "Em Busca do Sentido a partir da dispersão do sujeito". Revista da Fec. Do ABC. Ano 3 Out. 86 São Caetano do Sul, p. 39-84.

Tuan, Yi-Fu. Topofilia Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Vurpillot, Eliane. "A Percepção do Espaço". Capítulo XX. In: Fríase Paul e Piaget, Jean. Tratado de Psicologia Experimental. Vol. 6. A Percepção, p. 95-176.